

Filosofia pop ¹

Tempo: 48'40''

Conversa com
Charles Feitosa

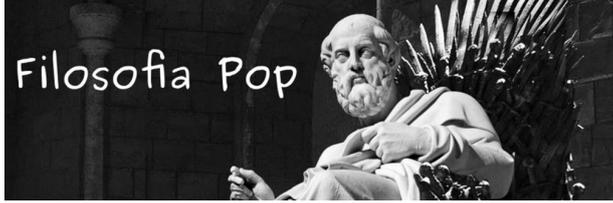
Murilo: Olá, esse é o Podcast Filosofia Pop. Eu sou Murilo Ferraz e aqui comigo está o Marcos Carvalho Lopes. E hoje, a gente recebe um dos precursores do tema Filosofia Pop no Brasil, o doutor em Filosofia e professor da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, coordenador do POP LAB (Laboratório de Estudos em Filosofia Pop) Charles Feitosa. Esse é o nosso episódio número 10 e hoje, finalmente, a gente vai saber o que é essa tal de Filosofia Pop. Obrigado aos ouvintes Ciorenzo, Rodolfo Lab e Oloco Meu por deixarem a sua avaliação no iTunes. Um abraço pros ouvintes Adriano Sousa, Bárbara Mello, Nicolas Pereira e André Thieme que enviaram e-mail pra contato@filosofiapop.com.br. Abraço também pros ouvintes Letícia Coura, Carla, Cristina Terribas, Felipe Sousa, Wesley, Matheus, FHC, Amanda, Ivan, Ruan da Silva e Nélio Neves que deixaram os seus comentários no site Filosofiapop.com.br. Mais abraços pra Vitor Piedade, Danilo Freitas, Naí Oliveira, Lima Neves e Priscila Ribeiro que comentaram na nossa página do Facebook. No Filosofia Pop, a gente pretende conversar sobre temas filosóficos numa linguagem acessível. A ideia é usar também referências culturais como filmes, músicas, programas de TV pra ilustrar alguns conceitos. A cada 15 dias, sempre às segundas-feiras, a gente vai estar aqui pra continuar essa conversa com vocês. Vamos então pra nossa conversa sobre Filosofia Pop.

(música)

Murilo: Hoje, a gente tem o prazer de receber aqui o Charles Feitosa que é professor da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, a UNIRIO, e é coordenador do POP LAB (Laboratório de Estudos em Filosofia Pop). Eu gostaria de pedir primeiro para você se apresentar Charles para quem não te conhece ainda saber o que você faz, com que você trabalha.

Charles: Bom dia, boa tarde, boa noite pra quem estiver ouvindo, o meu nome é Charles Feitosa, primeiro agradecer a oportunidade. Eu sou alguém que fez uma formação muito

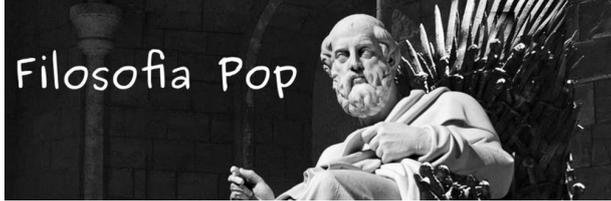
¹ Essa é uma transcrição (sem revisão de conteúdo ou de vícios de fala) do episódio #010 do podcast filosofia pop (filosofiapop.com.br). O programa é apresentado por Murilo Ferraz Franco e Marcos Carvalho Lopes. O bate papo foi ao ar em 7 de Setembro de 2015.



clássica em Filosofia, da graduação ao pós-doutorado, de uma maneira muito tradicional inclusive, mas que já estou há algum tempo, alguns anos tentando expandir o modo como a Filosofia pode atuar. Não estou fazendo isso sozinho, mas enfrentando algumas dificuldades em relação a esse modo tradicional. E esse projeto, basicamente, a ideia de um modo de fazer Filosofia um pouco mais antenado com o presente e com o local também. O projeto principal é a ideia de uma Filosofia Pop que é uma proposta de conectar a Filosofia com o seu local, com o seu momento, especialmente aquele ligado à cultura brasileira tanto nos seus aspectos cotidianos, políticos, estéticos e culturais. Mais ou menos isso.

Murilo: Hoje, a gente vai falar sobre Filosofia pop e eu gostaria de começar com você definindo assim, o que é Filosofia pop.

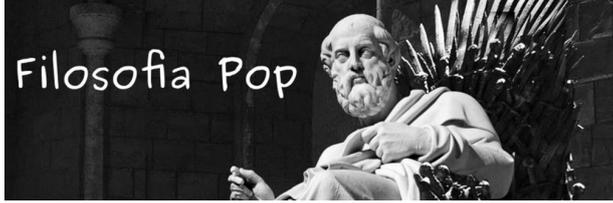
Charles: Tá bom. Não é fácil definir isso, mas dá pra dar algumas dicas. Acho que a principal informação e que o termo não foi a gente que inventou, isso a gente roubou do Deleuze que menciona em algumas passagens *in passant* a ideia de uma filosofia pop, sem nunca, necessariamente, aprofundar muito bem o que ia ser. Em uma passagem especialmente ele sugere uma forma diferente de conectar, de associar conceitos e imagens. Então eu peguei isso como uma espécie de dispositivo, de pretexto, e comecei a pensar qual é a forma tradicional da filosofia articular conceitos e imagens e o que seria uma forma diferenciada, diferente, de articular conceitos e imagens. Me parece que a filosofia tradicional, de uma maneira muito esquemática... depois, a gente vai falar um pouco sobre a... pra desconstruir a oposição entre o tradicional e o pop, porque, no momento, eu acho que o pop é o modo mais tradicional da Filosofia. Mas, enfim, vamos primeiro apresentar essa ideia. (...) O jeito tradicional é que, ou a Filosofia despreza a imagem porque acha que a imagem não dá conta do conceito, a imagem é um empobrecimento do conceito, essa é uma posição clara no Hegel, uma abordagem até um pouco de cunho protestante de achar que quando você tenta traduzir o dinamismo e a complexidade dos conceitos em imagens, aparentemente, você está compartilhando e sendo didático, mas para o Hegel, de fato, você está destruindo a força e a potência do conceito. Então isso é uma das explicações porque o Hegel é tão difícil, porque a maior parte do tempo ele tenta evitar o recurso a exemplos, a imagens, alegorias, e por aí vai. E essa é uma postura que se repete na Filosofia. A outra postura é usar a imagem pra que ela sirva de confirmação do conceito. Isso já é também comum, mas que é evidente no Platão, que é um cara que, como na **República**, que vai fazer toda uma crítica ao discurso poético, a postura artística em geral, mas ele usa, contraditoriamente, paradoxalmente, recursos poéticos, imagéticos para confirmar seus próprios conceitos. Então a Alegoria da Caverna é um recurso a uma imagem, mas é uma imagem que não está funcionando na sua potência máxima, vamos dizer assim, multívoca, ela está sendo condenada a um trabalho escravo, ela está funcionando ali como uma operária do conceito, quer dizer, ela é encaminhada a uma atestação do argumento da ontologia platônica. Então as duas maneiras tradicionais são: ou a gente não precisa da imagem, ou a gente aceita a imagem desde que confirme o que o conceito propõe. O que eu imaginei então uma filosofia pop em que a gente fizesse uma parceria com as imagens, mas que as imagens tivessem um espaço maior, uma maior preponderância a tal ponto que, às vezes, os conceitos pudessem se deixar levar pelas imagens e pela imaginação, abrindo mão um pouco então do seu poderio. É uma parceria então do pensamento com a imaginação e da Filosofia com a arte. E isso é diferente em relação à Filosofia tradicional, que é, basicamente, uma parceria da Filosofia com a Ciência. Então não é um abandono da parceria com a Ciência, mas é uma ampliação, uma proposta



de articulação com as artes em geral. É isso basicamente, mas assim, tem que desdobrar, tem várias consequências essa ideia. O termo pop é um tema problemático que poderia ser repensado porque poderia chamar, talvez também, de filosofia híbrida ou, não sei, de um pensamento monstruoso ou se teriam outros nomes que eu acho que eu poderia dar. Mas eu acho que o termo pop, ele tem um apelo estratégico político legal. Eu não gosto de música pop, eu gosto mais de heavy metal, mas eu imagino que o Deleuze estivesse pensando na arte pop dos anos 50. Então quando a gente está pensando em pop da filosofia a gente não está pensando em algo que é a noção de pop atual hoje, pop como música pop, como aquilo que é feito muito rapidamente, que passa muito rapidamente, mas pop no sentido da arte pop cujo principal projeto, me parece ser, um embaralhamento da oposição entre e baixa cultura, me parece uma grande contribuição que o Andy Warhol trouxe pra arte que tem consequência até hoje e que tem muita repercussão isso na cultura brasileira. Recentemente, eu vi uma entrevista do Caetano Veloso, um documentário sobre os festivais de música, uma entrevista que ele deu nos anos 60 pra rádio... TV Record, ele ainda de terno, gravata, cabelo curto, e perguntaram pra ele como que ele misturava na letra da música *Alegria, Alegria* temas contemporâneos e tradicionais, temas cotidianos e temas eruditos. E ele disse: "isso ai pra mim é uma influência da arte pop, eu estou trazendo a cultura pop, a arte pop pra música brasileira." Então isso já tem 50 anos que a arte pop repercutiu no cenário cultural brasileiro, mas não na filosofia. E a filosofia, especialmente no Brasil ainda está muito ligada à alta cultura, a cultura erudita, é algo que é ensinado na universidade, que demanda conhecimento de língua alemã, grego, latim, e a ideia de fazer uma filosofia pop é uma filosofia que sai um pouco do seu pedestal erudito e que se contamina e se mistura com o que, supostamente, se chama baixa cultura, mas, que de uma perspectiva pop, essa avaliação não funciona mais. Isso significa que a gente continua conversando com Descartes e Kant que são parceiros da filosofia tradicional, mas, na Filosofia pop, a gente conversa também com Homer Simpson e com a Mafalda sem dizer que eles são filósofos, mas considerando que eles têm algo a dizer também pra Filosofia. Ou que a gente pode aprender fazendo conversas com figuras da cultura de massa, da cultura pop, como uma sabedoria cotidiana. Esse embaralhamento entre o que se, tradicionalmente, se define como alta e baixa cultura e essa tentativa de escapar dessa dicotomia eu acho que é a característica mais importante da filosofia pop. Não se resume a isso, mas é o mais importante eu diria.

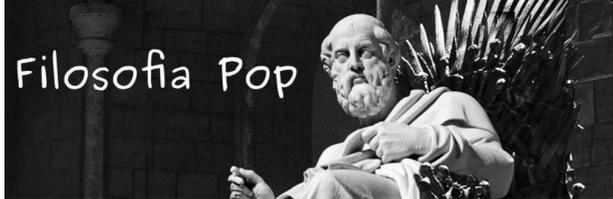
Murilo: Eu queria já passar pro Marcos, perguntando pra ele, porque a gente usa o termo, né, Filosofia Pop, eu queria saber dele como é que esses termos se encaixam com a definição do Charles, se tem a ver ou é muito diferente a apropriação que a gente fez.

Marcos: Eu, na verdade, eu usei o termo a partir de um blog que a gente tinha no Overmundo, o Murilo participava. Tínhamos um blog no Overmundo e demos o nome de filosofia pop. E eu tinha o livro já **Explicando a Filosofia com Arte**, mas não conhecia o Charles pessoalmente. E, na verdade, não sabia dos detalhes da proposta do Charles. Na verdade, eu via a proposta acontecendo no livro **Explicando a Filosofia com Arte** e tive uma apropriação muito pessoal disso, tentando trabalhar com bandas de rock Legião, Engenheiros, Pato Fu, tentando articular pensamentos, questões filosóficas a partir dessas bandas de rock, de cantores da MPB, como Caetano, Cazuza etc. Então, essa apropriação foi muito visceral e talvez assim punk. Uma coisa interessante que tem na proposta do Charles, e eu acho que faz jus a ela, é que você não aponta para uma convergência, não existe uma Filosofia pop, existe uma multiplicidade. Há essa crítica da tentativa de fazer tudo convergir



para uma posição, né? Então, mais tarde, quando eu fui fazer doutorado no Rio de Janeiro tive a oportunidade de ter um contato mais próximo com o Charles, participei do grupo de estudos de Filosofia pop, tive oportunidade de dialogar e continuamos dialogando e aprofundando possibilidades de pensar a Filosofia pop. Claro que cada um traz traços da sua formação e traços da sua... essa formação filosófica técnica, cada um tem uma formação diferente. Como eu tenho uma formação mais voltada pra Filosofia norte-americana, eu costumo dialogar com autores diferentes do Charles, mas isso é contextual e nós valorizamos o contexto, eu acho. Eu acho que isso é comum. Eu não sei o que o Charles pensa disso.

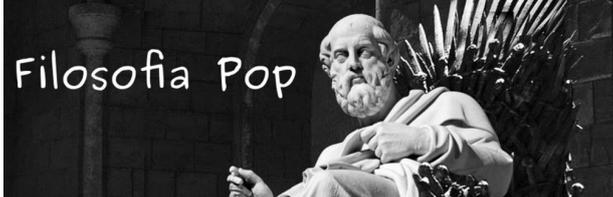
Charles: É, o que eu acho interessante, eu concordo plenamente com isso. Eu não sou detentor da marca, vamos dizer assim, Filosofia Pop, isso eu repito. Eu não inventei isso, eu me apropriei e sei que tem várias pessoas fazendo isso. O Marcos é um, mas tem uma galera, que o Marcos conhece, eu nem conheço, lá de Santa Catarina, que está fazendo também, tem uma galera em Marseille na França que está fazendo. E cada grupo um pouco, de forma um pouco diferente, e tem gente até, acho que isso é bem importante, que está fazendo isso sem chamar isso de Filosofia Pop também. Eu acho que isso é bem importante. Então a ideia, de fato, não é fazer uma metodologia fechada, vamos dizer assim, mas tem uma dimensão metodológica sim, tem algumas propostas, algumas proposições e aí tem umas diferenças. Eu acho que é importante o Marcos ter apontado porque eu escrevi um texto, uma espécie de manifesto. Agora é um manifesto, na época não foi pensado assim, mas quando... e que é de 2001, já tem bastante tempo, o livro **Nietzsche e Deleuze** organizado pelo Daniel [Lins] onde eu tento explorar e levantar essas questões. Mas o livro que eu fiz o **Explicando a Filosofia com Arte**, publicado pela primeira vez em 2004, ele é uma tentativa de fazer Filosofia pop e não ficar explicando o que é Filosofia pop. Então ali ele não... os pressupostos teóricos estão meio que escondidos, vamos dizer assim, mas é uma tentativa de mostrar que a tradição filosófica Hegel, Kant, Platão, essas coisas não são só... isso não pertence apenas a ordem de uma discussão acadêmica, histórica, isso tem a ver com a nossa vida cotidiana, a nossa vida política, cotidiana, cultural brasileira, está atravessada nesses problemas filosóficos e que conhecer essa tradição é importante pra entender é importante pra gente entender melhor o que a gente está vivendo. E, por outro lado, essa tradição precisa ser reinventada e reapropriada de uma forma mais, eu diria, inventiva do que tem sido feita pelo cenário filosófico brasileiro. Então, eu acredito, por exemplo, esse meu livro, que é de Filosofia pop, foi muito pro público leigo pra mostrar pra ele: "olha, não sinta medo da Filosofia, a Filosofia tem a ver com a vida, a filosofia pode ser algo divertido, a filosofia é algo existencial, é algo que pode ser compreendido, é algo que tem a ver com a gente." Mas os meus textos teóricos, como esse texto "O que é filosofia pop", é um pouco para os meus colegas da filosofia, apontando para eles dizendo: "olha só galera, a gente está se afastando da vida, a gente está perdendo a conexão. A História da Filosofia, pura e simplesmente, não é Filosofia e a gente tem que..." E aí é que eu retomo a esse ponto, eu não queria enfatizar muito uma dicotomia da filosofia pop com a tradicional porque se a gente for olhar bem todos os grandes filósofos fizeram uma conexão com o local e com o presente e com a vida cotidiana. Platão, Kant, Hegel, estava todo mundo muito atento às resoluções políticas da sua época, ao cenário artístico no qual eles estavam vivendo. E estavam pensando as coisas tentando dar uma resposta pras questões daquele momento. Quem não está fazendo isso, de uma maneira meio genérica, eu poderia dizer, é a Filosofia oficial brasileira, que o Brasil está vivendo diversos momentos fundamentais de crise, de política, de ética, de estética, e a



filosofia brasileira fica comentando os autores, não há nada de mal nisso, mas comentando os autores com a única meta de compreender melhor esses autores, e não de tentar relacionar o que esses filósofos todos estavam falando com o nosso momento atual. Então, eu vejo, hoje, a Filosofia pop como um resgate da Filosofia tradicional contra a tendência excessivamente historicista da filosofia no cenário brasileiro acadêmico. Essa que seria, basicamente, a ideia, e sem defender isso uma espécie de pluralidade, tem muita gente fazendo isso com ou sem o nome, cada vez mais, gente fazendo isso com o sem o nome de filosofia pop.

Marcos: Eu acho que tem uma outra questão que eu queria fazer pro Charles, complementando essa posição e essa descrição que ele fez, da aproximação entre filosofia pop, por um lado, dessa não ruptura total com a tradição, na verdade, uma redefinição ou uma reapropriação da tradição. Mas, por outro lado, eu queria que ele comparasse e falasse um pouco de uma diferença que tem que ser preservada, a diferença entre o fenômeno da filosofia pop e a popularização da filosofia por si mesma, que está acontecendo, e uma coisa que o Charles sempre diz, e eu acho isso importante, de complexificar as coisas, o trabalho tem que ser sempre de complexificar. Eu queria que ele comentasse um pouco sobre isso que acho muito importante.

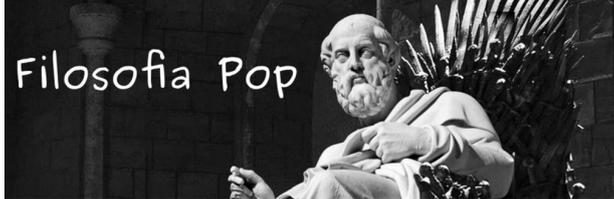
Charles: Realmente, é um desafio. A gente está sempre andando entre vários abismos, né? Então eu fico sempre meio com medo de cair num treco muito academicista e erudito de novo, mas tenho muito medo de cair numa excessiva simplificação. Então eu acho que tem uma dimensão da Filosofia de uma popularização que começou., eu diria, eu identificaria lá com o livro **O Mundo de Sofia**. Já teve antes um outro livro chamado **Zen e Arte da Manutenção de Motocicletas**, eu não sei se vocês conhecem, de um filósofo americano Robert Pirsig? O livro espetacular que conta uma história meio autobiográfica desse professor que se cansou da universidade e comprou uma moto e resolveu viajar os Estados Unidos de moto com o filho dele na garupa e o livro é a decisão dessa viagem e essa viagem ele comenta fazendo conexões com os problemas da Filosofia tradicional e contemporânea. E esse livro pra mim já foi uma queda de mostrar “pô, a gente pode se aproximar da Filosofia de outras maneiras e a Filosofia tem a ver com a vida.” Mas **O mundo de Sofia** também foi um marco importante, embora eu não goste do livro, mas ele colocou a Filosofia de certo modo de novo, vamos dizer assim, na mesa, tanto é que muita gente comprou o livro, não, necessariamente, leu o livro, mas se tornou, de fato, um *best seller*. Mas a questão é, de fato, fazer essas gradações. Tem um modo de fazer a popularização da Filosofia que acaba destruindo a própria Filosofia. Isso vira uma receita de bolo, uma coisa muito simplificada. Essas séries que prometem **Filosofia em 90 minutos**, a compreensão de um autor em 90 minutos, eu acho que faz parte disso. E tem uma galera que ocupa mídia e que simplifica demais também as coisas. Eu acho que é um risco. Mas eu acho que... eu também não vou demonizar isso, eu acho que a possibilidade da filosofia pop surgir, aparecer, ter seu espaço faz parte também desse movimento. A possibilidade de fazer uma nuance do tipo: é possível fazer Filosofia de um jeito bem-humorado, de um jeito compreensível e ao mesmo tempo denso e complexo, eu acho que isso tem a ver com esse contexto também em que surgiram formas excessivamente simplificadoras. Isso foi viabilizado, a filosofia pop, neste sentido que eu estou defendendo, foi viabilizada também por causa dessas tentativas mais radicais de popularizar a qualquer preço. Tem que se fazer essa diferenciação, e, acho que tem que fazer a diferenciação também em relação... para o pessoal da Filosofia porque, para o pessoal



da Filosofia tradicional, isso que eu estou fazendo, o Marcos, não sei o pessoal de Santa Catarina, não é Filosofia, é uma recusa da História da Filosofia, o que é problemático também. A minha proposta sempre foi essa do que o que a gente quer fazer a gente tem que conhecer mais História da Filosofia, conhecer melhor ainda a História da Filosofia do que quem está apenas só comentando, quem está só fazendo comentários sobre a crítica da razão pura e tentando entender só o que o Kant disse. Isso exige menos trabalho do que ler o Kant bem e conseguir conectar o que o Kant diz com o que está acontecendo no momento atual, isso exige um conhecimento muito mais profundo. Então não é uma denegação da História da Filosofia, desse conhecimento técnico de se aprofundar cada vez mais, mas é uma tentativa de reorientar ou redimensionar o modo como isso é feito.

Murilo: Eu acho que tem uma... ouvindo a sua fala assim, acaba abrindo mais possibilidades, né? Aqui eu acho que a gente tenta fazer, por exemplo, se apropriar de outros canais que estão começando, como a gente está fazendo podcast, fazendo como áudio, e até como conversar com mais pessoas que não têm contato com a Filosofia e meio que fisgar por esse canal, né?

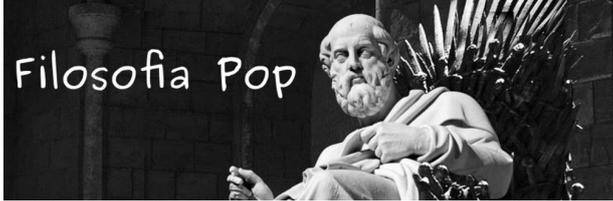
Charles: Não, são duas frentes, eu acho que são duas frentes, uma é conquistar o não filósofo que vê a Filosofia, com razão, com uma certa raiva ou certo medo, porque o discurso filósofo é uma coisa de poder, é um vocabulário incompreensível e por aí vai. Então conquistar o não filósofo para Filosofia e mostrar que despertar o interesse, a curiosidade é um trabalho muito superimportante. Mas eu vejo uma outra frente muito importante também que é conquistar o meu colega filósofo que está fazendo aquela coisa supertradicional, de erudição, e de domínio específico de uma fase de um determinado autor. Antigamente eram hegelianas, kantianas, agora as pessoas conhecem os escritos da juventude do Nietzsche, são especialistas só naquilo. Então essa crescente especialização na Filosofia é um perigo pra filosofia. Então a outra frente é tentar despertar meus colegas filósofos pra outras possibilidades. Mas eu diria, e eu imagino que pra vocês também, que está mais fácil conquistar o não filósofo pra Filosofia do que conquistar o meu colega filósofo tradicional pra Filosofia pop. E nem é pra ideias, é para Filosofia pop, mas simplesmente para essa tentativa de se abrir um pouco mais, né. Eu participei no ano passado no Simpósio Interamericano de Filosofia em Salvador, eu não sei se vocês estiveram lá, o Congresso Interamericano de Filosofia na UFBA. E eu me lembro de estar numa sala de discussão sobre Filosofia política e um recém-doutor em Filosofia apresentou um texto sobre... do Adorno, tinha um texto do Adorno comentando as revoltas de maio de 68. 2014 ainda estava ainda bem mais fresco, bem mais frescas as lembranças de 2013, os protestos na rua do Brasil, e eu perguntei para esse menino se ele fazia alguma relação entre o que o Adorno estava falando sobre maio de 68 e o que estava acontecendo, tinha acontecido recentemente no Brasil em 2013. E ele, nitidamente, ficou pálido, ficou supernervoso e respondeu assim: "olha só, eu só sei falar sobre Adorno, sobre o momento político atual eu não consigo falar nada, eu não tenho nada a dizer e eu também só sei falar sobre esse texto do Adorno que eu trabalhei aqui. E qualquer coisa que vá pra além disso eu não tenho condições de falar." E aí você fica assustado, parece um medo muito grande de errar, de dizer besteira, de falhar, quando pensar é fazer relações, pensar é você fazer conexões. Eu leio o Platão na **República**, a expulsão dos poetas e eu conecto com a tentativa de proibir o funk no Rio. Isso é pensar, tentar fazer uma conexão, é se ligar, pensar não é ficar comentando os detalhes lá da argumentação do Platão, só. Isso é, vamos dizer assim, o que vai me habilitar a pensar, mas



pensar não é isso. Então são duas frentes, e eu diria que a frente de conquistar meu colega filósofo é a que está mais difícil.

Marcos: Até porque esse colega ai não te reconhece, né?

Charles: Não me reconhece. E posso apontar para vocês que, por exemplo, eu sou professor na UNIRIO. Há 5 anos atrás eu criei, junto com mais dois colegas, uma graduação em Filosofia e no projeto pedagógico, a gente colocou Filosofia Pop como disciplina obrigatória, além de Filosofia e Cultura Brasileira, Filosofia e Mídia. Disciplinas não muito convencionais da graduação em Filosofia. Esse projeto foi elogiado pelo MEC, foi reconhecido em diversas instâncias... A gente tem lá as disciplinas tradicionais, a Filosofia Antiga, a Filosofia Moderna, Epistemologia, mais duas ou três disciplinas que saem um pouco do escopo. Temos vários concursos, hoje, somos mais de vinte professores e quando, finalmente, se consolidou o grupo a primeira proposta desse grupo novo foi acabar com essas disciplinas, fazer uma reforma curricular para acabar com essas disciplinas e deixar a graduação... aumentar o número de disciplinas de História da Filosofia. Então nem na própria universidade, na graduação que eu criei, ajudei a criar, vamos dizer assim, eu consigo ter esse reconhecimento oficial. Agora, eu queria só mencionar uma coisa, acho bem importante, a gente convidou a Márcia Tiburi, que é outra pessoa que está fazendo Filosofia pop, que eu imagino que vocês vão convidar em algum momento pra conversar também, que, como o Marcos falou, tem uma outra história, ela surpreendentemente chegou à Filosofia pop, mas eu sei que ela escreveu um primeiro texto detonando a ideia de Filosofia pop, mas ela tem um saudável e admirável hábito de fazer autocrítica e hoje ela é uma defensora da Filosofia pop, dentro da sua própria concepção, que é um pouco diferente da minha. Mas a gente convidou ela para fazer a aula inaugural lá na Filosofia da UNIRIO e ela fez dois comentários que eu achei muito lúcidos e que eu nunca tinha me dado conta, que eu acho que é importante pra nossa discussão aqui: ela fez, tentou fazer um paralelo entre os problemas que a Filosofia pop tem hoje pra ser reconhecida na Academia com os problemas que a disciplina de Estética teve no Século XVIII. A disciplina de Estética... o termo estética só foi cunhado em 1950, embora os problemas ligados à estética fossem já discutidos na Filosofia. Mas existia um certo preconceito contra essa área, dizer que era uma questão de gosto, era uma questão muito subjetiva e se o corpo, de qualquer forma, era inferior. Foi só no Século XVIII que a disciplina de Estética se consolidou como uma área reconhecida da Filosofia, algo que poderia existir debates, que podia se fazer Ciência. E, hoje, Estética é mais ou menos reconhecida, não é tanto também não porque até o início desse ano a Estética não constava nem das áreas, subáreas do CNPq pra Filosofia. É uma conquista recente da Filosofia no Brasil introduzir Estética lá entre as subáreas de Filosofia junto com Lógica, Ética e por ai vai. Mas de qualquer maneira é mais ou menos, está mais ou menos consolidado e ela fez um paralelo, a Estética estava trabalhando com conceitos, com questões rejeitadas da Filosofia e por isso foi muito combatida, hoje é consolidada. Só que, hoje, é o Filosofia Pop que está trabalhando com sistemas rejeitados da Filosofia. São problemas ligados ao cotidiano, ligados à cultura de massa, ligados ao intercâmbio com outras áreas, com as questões ligadas ao corpo, ao gênero, à cultura, uma cultura fora do eixo Europa, outras tradições, tradição africana, tradição indígena. E pode ser, e ela é otimista, que daqui a cem, duzentos anos Filosofia Pop se torne uma área totalmente reconhecida, institucionalizada da Filosofia. Tenho minhas dúvidas. De qualquer forma tenho a (sensação) na medida em que a gente está proativamente, não só defendendo



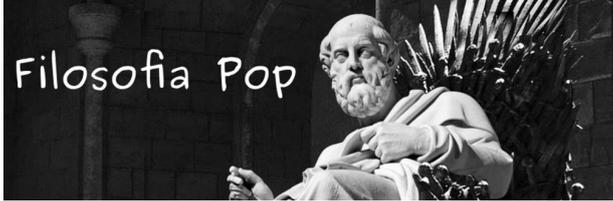
abstratamente o espaço, mas fazendo, colocando isso em prática, outros exercícios de Filosofia. E outra coisa que ela disse que eu acho também bem legal que ela disse que a gente usa muito o termo fundamentalismo pra falar dos muçulmanos, geralmente associados aos religiosos, mas existem vários tipos de fundamentalismo e existe um fundamentalismo na Filosofia. E esse fundamentalismo é, claramente, essa ideia de você defender alguma coisa que você está habituado, tem uma certa relação até de fé que você, mais ou menos, já conhece e bloquear qualquer coisa que sai desse modelo canônico. Então, repito, temos duas frentes, como compor com os não filósofos, e essa composição não é só convertê-los à Filosofia, mas essa composição é aprender com eles, isso me parece fundamental, aprender com a não Filosofia. A não Filosofia pode ser aí o artista, o cientista mesmo que está no poder.

Murilo: Eu vou falar um pouco sobre o... até a minha experiência com a Filosofia em geral, que eu não sou... não tenho nenhuma graduação em Filosofia, eu sou formado em computação. E eu acho que essa coisa de... a Filosofia pop também permite isso, que pessoas de outras áreas possam articular o pensamento com o pessoal da Filosofia e compreender mais e até dialogar mais com outras áreas. Queria saber do Charles o que ele pensa sobre isso?

Charles: Sobre ideia de interagir com outras áreas?

Murilo: Isso, com outras áreas.

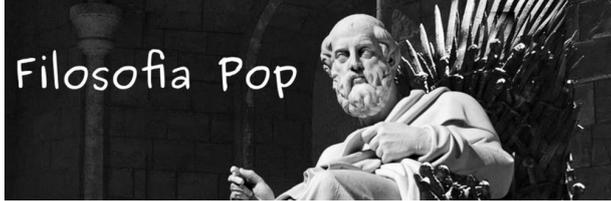
Charles: É, eu acho, por exemplo, essa tentativa de fazer uma metodologia não rígida, eu acho que são dois aspectos fundamentais da Filosofia pop, que um é a transdisciplinaridade e o outro é a transculturalidade. Por transculturalidade, eu entendo a ideia de quebrar um pouco com a hegemonia europeia, mas sem cair no discurso contrário, que eu acho muito problemático também, de que a verdadeira raiz é a origem, está na África, está nos índios. Eu acho que não tem que entrar nessa dicotomia, tem que se ampliar e fazer conjugar as tradições. E repito: pra mim a cultura indígena é muito mais abstrata do que a cultura grega e a gente projeta as nossas conexões. O problema é ter uma hegemonia e uma hierarquia de acha que só o que foi feito na Grécia é o que importa, só isso é que vai ser ensinado. A defesa é fazer uma pluralização dos saberes, ou como diz o Boaventura [Souza Santos], filósofo português, tem que fazer uma ecologia dos saberes, né, não deixar que eles sejam massacrados por um discurso único. Isso é muito importante sobre Filosofia. E outro aspecto é essa transdisciplinaridade que acredito muito nessa ideia do encontro entre as diferentes áreas. O que eu sinto, a minha avaliação de muitos anos já na Filosofia, é que os filósofos, ou eles evitam o contato, os outros pesquisadores das outras áreas, tanto estudantes como professores, eles querem muito a interação com a Filosofia, com os filósofos, os filósofos é que não querem e evitam a todo custo e preferem ficar discutindo só entre si, com a galera que já conhece o seu jargão, o vocabulário, onde eles não têm que ficar... não vão ficar inseguros com o seu saber. Mas eu vejo também que nas raras vezes que os filósofos vão tentar interagir é uma interação muito unilateral do tipo... eu atuo na pós-graduação em artes cênicas da UNIRIO, então tenho uma certa experiência nesse lugar de trabalhar em áreas diferentes. Eu já vi muito evento de Artes Cênicas em que eles convidam filósofo pra fazer a fala de abertura porque eles estão a fim de interagir, entendem que as questões deles estão conectadas com as questões de Filosofia. E esses filósofos vêm, fazem as falas deles e



vão embora logo depois da fala, eles não ficam lá pra ouvir o que a galera de Artes Cênicas está fazendo, quais são as pesquisas que estão sendo feitas, pra aprender, pra se contaminar. Então ainda é... ou é uma recusa da interação, é uma interação muito unilateral do tipo “só eu tenho algo a oferecer e eu não tenho nada pra aprender.” Então, eu acho isso muito importante, a ideia de interação com outras áreas, incluiria isso também a ideia de ocupação das mídias, isso que vocês estão fazendo com podcast é muito legal e tem que fazer isso mesmo, por mais que envolva, isso envolva uma série de riscos também, mas defendendo essa interação horizontal, a gente tem que se colocar no lugar de aprendiz também e não só de quem está ensinando os outros o que deve ser feito ou não.

Marcos: Tem uma coisa que eu acho que é interessante comentar, eu queria que você comentasse, que é a sua experiência na Alemanha como apresentador de rádio, quando você tentou convencer os alemães da importância da Legião Urbana. Você me contou isso uma vez, eu achei muito interessante até porque eu trabalhei com Legião Urbana etc, mas essa experiência eu achei muito, muito interessante, correr esse risco. Eu queria que você falasse um pouco sobre isso.

Charles: É, eu acho que tem a ver com um certo histórico meu. Como eu disse eu fiz um caminho muito acadêmico, muito tradicional, então graduação no IFCS, mestrado sobre Hegel, fui fazer o doutorado sobre Hegel e Heidegger e fiquei 5 anos na Alemanha. E, como muitos dos meus colegas, eu tinha uma formação forte em Filosofia e uma formação muito forte também em cultura pop, cultura de massa. E alguns dos colegas que, hoje, já foram presidentes da (Anpof) e que representam aí essa Filosofia mais historicista e tradicional, quando era colega meu de graduação, de mestrado no IFCS, muitas vezes a gente se sentou no bar pra ficar falando sobre desenho animado, sobre o Exterminador do Futuro, sobre música brasileira do Ney Matogrosso, do Caetano ou do rock nacional. E a coisa maluca toda é que essas coisas não se conectavam, era como se fossem vidas paralelas, a vida acadêmica de discutir sobre Kant ou Platão e uma vida paralela que tinha a ver com todo esse referencial simbólico da cultura o qual a gente foi formado. É uma formação também, os desenhos animados que a gente viu, os gibis que a gente leu, a música que a gente ouve. E essas coisas não conectavam. E então eu quero dizer que quando eu estava no doutorado surgiu a oportunidade de fazer um programa de rádio numa rádio independente lá, mas ainda nessa época, pra mim, eram coisas paralelas. Então o programa de rádio era um espaço em que eu falava sobre música, falava sobre... entrevistava escritores e músicos que iam pra Alemanha. Entrevistei muita gente que se circulou por lá, até o Darcy Ribeiro, pouco antes da morte dele eu tive oportunidade de entrevistar para o programa de rádio. Isso foi mais ou menos entre 90 e 95. Mas ainda, eu não era pop nesse sentido de perceber que as coisas podiam se conectar mais, eu tinha como se fosse uma vida paralela, como os meus amigos também. Estava fazendo o meu doutorado sobre Heidegger e no final de semana eu fazia um programa de rádio sobre cultura brasileira. Hoje que eu vejo que essas coisas... a ideia da Filosofia pop é costurar essa cisão, o que tinha uma coisa meio de hierarquia, principalmente, os menos os meus colegas do IFCS “isso é muito divertido, falar de desenho animado, mas isso não sério, isso é só pra se divertir, sério é falar sobre Kant.” A conquista, minha, do pop é perceber a seriedade da cultura pop e a falta de seriedade de certos aspectos da filosofia tradicional. Mas um dos momentos pops que eu tive lá, acho que contei isso pra você, foi a oportunidade que eu tive de apresentar um disco da Legião Urbana. Eu acho que foi aquele **Música Para Acampamentos**, aquele álbum duplo. E era um programa que era



feito em alemão e em português e as pessoas não conheciam, eu toquei Chico Science lá, toquei os próprios Mamonas Assassinas eu toquei, e a galera, os alemães eles ligavam pra ouvir Marisa Monte, que é a única que eles conheciam, ou então Bossa Nova, aquela menina que cantava junto com Tom Jobim e com... esqueci... o Astrud Gilberto, que é a única que os alemães conheciam. Então eu tocava Ratos no Porão, tocava Rumo, umas coisas mais alternativas. E toquei Legião Urbana e fiz uma defesa lá, mas foi uma defesa não planejada, da superioridade da música da Legião Urbana em relação a tudo que acontecia ali no cenário baseado numa hipótese que eu ainda tenho que escrever sobre isso, de que Legião Urbana sempre conjugou, isso que eu acho que eu estou tentado fazer na Filosofia pop, que é uma conexão entre o universal e o particular, mas muito bacana nas letras da Legião, Renato Russo alternar de uma frase pra outra de uma questão política pra uma questão existencial, uma questão afetiva pra uma questão histórica. E isso tudo está ali misturado, essa conjugação do local, do particular, do individual com essas questões universais, essas questões mais amplas. E eu acho que Woody Allen faz isso no cinema dele, essa conjugação. Acho que é o que eu estou tentado fazer na Filosofia pop. E acho que a Legião Urbana... isso é Legião. Eu até ouvi recentemente uma entrevista, que o Marcos deve conhecer, em que ele diz isso "isso é Legião" fazer essa conexão entre universal e particular. E disse isso com as próprias palavras. Então foi esse o contexto vamos dizer assim. E eu tive a oportunidade de fazer a orelha do... Foi a orelha ou foi a apresentação Marcos, do seu livro sobre Legião?

Marcos: Foi orelha.

Chales: Foi a contracapa? Foi orelha, né? Pra mim uma oportunidade bem bacana, bem legal.

Marcos: Ai é eu que agradeço, vamos rasgar seda, né?

Charles: Um merecimento recíproco.

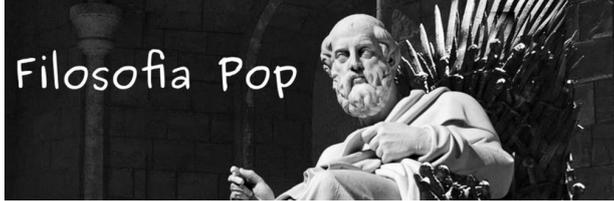
Marcos: Toda vez articula a Filosofia pop e toda vez que a gente está no grupo de pesquisa você traz autores novos, né, quando a gente estava lá no grupo, quando eu participava do grupo diretamente nas reuniões nós estávamos estudando Canclini, estudou a **Crítica da Razão Tupiniquim** do Roberto Gomes, mas esses autores são flutuantes, sempre você tem outras referências. Se você fosse colocar...

Chales: É que o meu compromisso não é com os autores, é com as questões.

Marcos: Sim.

Charles: Então, dependendo da questão, eu faço outras parcerias. O meu compromisso não é ficar estudando a obra do Canclini pro resto da vida. Eu posso voltar ao Canclini dependendo da questão que eu tiver debatendo.

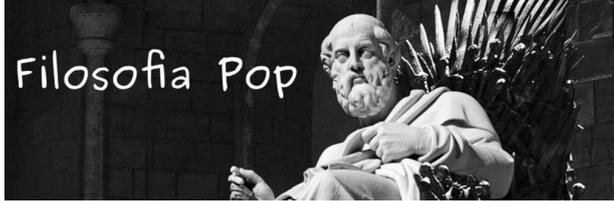
Marcos: Esse cânone móvel assim, porque sempre interessante saber com quem você está dialogando hoje na Filosofia pop. Ultimamente eu vi com Agambem, a gente conversava sobre o Agambem, buscava algumas questões a partir do Agambem, mas, nesse panteão móvel, quais os autores que você está... com quem você está dialogando agora?



Charles: É, tem o panteão móvel e o imóvel. Então o Nietzsche, Deleuze, Derrida são os que nunca mudam, vamos dizer assim, são sempre revisitados. Em certa medida até há gente que você não elencaria no pop como Heidegger. Eu acho que o Heidegger foi fundamental pra esse pensamento francês, principalmente, em função da ideia, da noção de acontecimento que o Deleuze, o Derrida, todos eles leram Heidegger e pegaram esse tema que aparece no Heidegger e reapropriaram de uma forma muito criativa. Mas, enfim, o que eu posso dizer é que eu acabei de participar de um evento chamado Vida Secreta dos Objetos, foi um evento interdisciplinar organizado pela galera da comunicação. Aliás, uma outra figura que eu sugiro que vocês convidem pra conversar que é o Erik Felinto, que é o cara que organizou e é um professor da Comunicação, que ele tem um livro publicado sobre o Flusser. O Flusser é outro cara que a gente faz umas conexões, que eu acho ele um filósofo pop em vários aspectos. Mas enfim, lá eu... me confirmou que eu tenho que incluir no panteão móvel, vou usar esse termo do cânone que eu acho bem legal, o Simondon, que eu não sei se vocês já leram, já têm conhecimento, que é um filósofo francês pouco lido, pouco conhecido e que tem uma discussão muito grande sobre objetos técnicos. Ele é uma coisa meio parecida com Bachelard no sentido de alguém que está discutindo questões... tecnologia, mas de um jeito filosófico e poético. Então numa conjugação entre arte e tecnologia. E essa galera de Comunicação está discutindo muito Simondon. E eu descobri que o Deleuze lia e era parceiro desse cara. Eu nunca li nenhum texto do cara, mas a proposta agora para o grupo de estudos de filosofia pop é começar a entrar em parceria com Simondon. Pode ser uma figura interessante dentro dessa lógica de implodir com os territórios muito definidos e trabalhar numa coisa mais híbrida. Simondon é um cara que atrai e que interessa e que apela, tanto pra quem está trabalhando, experimentando com novas tecnologias, com quem está trabalhando com arte contemporânea, quem está trabalhando Comunicação, Filosofia, técnica e por aí vai. Então, no momento, é a figura que eu estou em vista pra fazer uma interação. Esses outros todos sempre retornam, Agambem, Flusser e por aí vai.

Murilo: Eu queria colocar se você tem uma questão pra fechar a conversa, pra finalizar.

Charles: É, eu só queria, digamos, agradecer, fazer uma propaganda. A gente fez no ano passado uma coluna no jornal, está no jornal O Povo, de Fortaleza, está disponível na Internet, uma coluna semanal em que a gente ia se revezando e tem lá são 52 colunas, 50 colunas mais ou menos de diferentes temas e daí dá pra o ouvintes que quiser conhecer um pouco mais a filosofia pop, ter um pouco da ideia, não só dos temas, do modo diferente de abordar. Então em outubro a gente está fazendo um evento de Filosofia e Performance. E só pra dar essa contextualizada, entre as várias experimentações da Filosofia pop, que não é uma só, isso tem a ver com contexto. O meu contexto é uma conexão com a galera de Artes Cênicas. Imagino que o contexto aí de vocês é uma conexão com esse pessoal que está trabalhando Filosofia de outras tradições, o que eu também acho superimportante. Mas o meu contexto é essa interação. A cerca de 3 ou 4 anos atrás surgiu na Alemanha um novo movimento na Filosofia que se chama Filoperformance. É uma Filosofia performática, que a ideia de fazer Filosofia enquanto performance, não só enquanto texto e como fala. Então a gente está experimentando isso. Esse semestre, eu estou dando um curso sobre Filosofia e Performance com uma professora de Performance em que a gente discute questões teóricas, mas faz também práticas de Performance. E está experimentando, buscando novos caminhos. Então essa é a ideia e pode ser um desastre, mas a ideia é arriscar outros



movimentos. E quem quiser conhecer mais me adiciona ai no Facebook: “Charles Feitosa”, que a gente está sempre lá divulgando esse nosso trabalho de formiguinha, mas que a gente não vai desistir tão fácil.

Murilo: A gente vai partir agora pra parte de indicações.

(música)

Murilo: E ai Charles você trouxe alguma indicação pra gente de livros ou de música, filme, enfim, qualquer coisa que você possa indicar pros ouvintes?

Charles: Na verdade não, eu esqueci de fazer isso, de preparar. Mas assim, tem várias indicações. Deixa eu ver se mais recentemente, eu indicaria muito um filme dinamarquês, aqui tem um nome meio estranho, deve ser meio difícil de conseguir achar o filme, mas chama **Um Pombo Pousou Num Galho Refletindo Sobre a Existência**. Esse é o título do filme. É um cara chamado Roy Andersson. É um filme muito estranho, difícil de ser visto, o filme, quando eu vi numa sala pequena a metade do público foi embora. É bem na ordem do incompreensível, mas se você ficar até o final você vai se surpreender porque é uma das coisas mais espetaculares que eu já vi em cinema nos últimos anos, entendeu? Então recomendo muito esse filme, um bom dispositivo pra fazer pensar.

Murilo: Marcos, você tem alguma indicação pra gente?

Marcos: Ah, eu vou indicar esse livro **Explicando a Filosofia com Arte**, ganhou o Prêmio Jabuti. Eu acho que é uma boa indicação por tudo que a gente ouviu aqui e vai trazer a possibilidade de aproximação dessa ideia de Filosofia pop. Para aqueles filósofos que são mais técnicos, eu acho interessante buscar esse manifesto que o Charles falou “O Que é Isto Filosofia Pop”. Eu acho que é um bom começo de conversa. Com a ressalva que a coisa está mudando o tempo todo, tem que conversar com o Charles na semana pra ver pra onde ele está caminhando.

Charles: É verdade, é verdade. Isso que eu estou falando agora já está bem diferente da época que a gente estava conversando, que você participou, né Marcos?

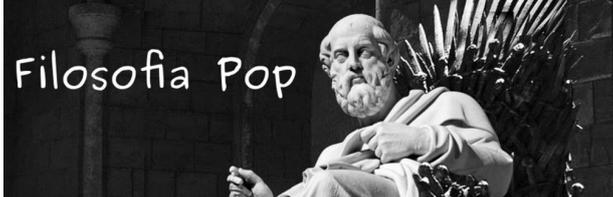
Marcos: Sim, sim.

Charles: Então coisas diferentes.

Marcos: Eu acho importante isso, por isso que eu te perguntei do panteão móvel, né, que as coisas estão mudando...

Charles: Sim, ham ham.

Marcos: E é bom que seja assim, é bom que a gente esteja evoluindo, né? Dentro do primeiro texto lá de “O que é Isto Filosofia Pop” até as suas últimas entrevistas, as suas últimas falas há bastante diferença, mas o **Explicando a Filosofia Com Arte**, como atitude e como performance de pensamento funciona muito bem. Então eu estou indicando esse livro.



Charles: É verdade, ele se mantém é. É verdade. Ele só está meio defasado porque é muito músicas dos anos 80 e 90, né? Eu tinha que começar a fazer uma atualização com o ultra pop do Século XXI.

Marcos: Não, essa é a sua geração, está pegando a sua idade.

Charles: Isso, faz parte do meu contexto.

Murilo: Nós estamos chegando aqui no final do programa, eu quero agradecer muito o Charles por ter disponibilizado esse tempo para gente aqui, que a gente sabe que ele é muito atarefado e sempre é difícil encontrar algum espaço na agenda. A gente agradece demais. E falar que o espaço está sempre aberto aqui também sempre que você desejar para colocar esses novos trabalhos que você está falando. Se você quiser fazer alguma divulgação de e-mail de contato, de algum trabalho que você vai fazer, abre espaço pra você.

Charles: eu que agradeço a oportunidade de falar um pouco sobre o trabalho. E parabéns para vocês pela iniciativa.

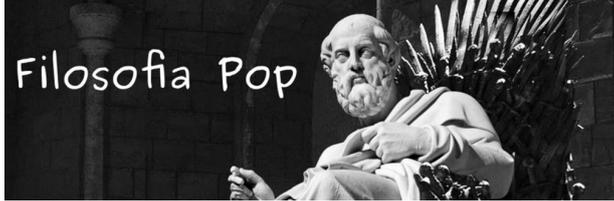
Murilo: Obrigado demais. A presença sua aqui foi importante demais e acho que a conversa foi muito legal também, aprendi bastante coisa. E eu peço para quem está ouvindo a gente ai pra comentar no site o filosofiapop.com.br A participação de vocês é muito importante e dá muita força pra gente continuar o nosso trabalho. Se você quiser também pode mandar um e-mail pra contato@filosofiapop.com.br e lá no site a gente vai colocar as referências também que foram citadas aqui, as indicações, os livros que foram falados aqui a gente vai colocar tudo lá. E também os contatos lá, os links para nossas redes sociais, pra página do Facebook, tudo que foi falado aqui no episódio. E se você quiser ajudar a gente também pode compartilhar os episódios com os amigos, avaliar a gente lá no iTunes que ajuda muito a gente subir na classificação do iTunes que traz bastante ouvintes. Eu queria agradecer a todos que participaram, a todos os ouvintes e dizer que daqui a duas semanas a gente está de volta.

(Música **Mais do Mesmo** com Legião Urbana)

Ei menino branco o que é que você faz aqui
 Subindo o morro pra tentar se divertir
 Mas já disse que não tem
 E você ainda quer mais
 Por que você não me deixa em paz?

Desses vinte anos nenhum foi feito pra mim
 E agora você quer que eu fique assim igual a você
 É mesmo, como vou crescer se nada cresce por aqui?
 Quem vai tomar conta dos doentes?
 E quando tem chacina de adolescentes
 Como é que você se sente?

Em vez de luz tem tiroteio no fim do túnel.
 Sempre mais do mesmo



Não era isso que você queria ouvir?

Bondade sua me explicar com tanta determinação
Exatamente o que eu sinto, como penso e como sou
Eu realmente não sabia que eu pensava assim
E agora você quer um relato do país
Mas queimaram o filme
E enquanto isso, na enfermaria
Todos os doentes estão cantando sucessos populares.
(e todos os índios foram mortos)